

A NEUTRALIDADE DO ÂNCORA VERMELHO

*Roberto Ramos**

Resumo: O Discurso radiofônico parece não ter perdido o seu encanto interpelatório. Por vezes, todavia, se desencanta. É asfixiado pela aparência de uma postura de Neutralidade, que pode esterilizar o sentido humano. Vocaciona-se, para um perfil divino, com direito ao monopólio da verdade absoluta. Tais questões agenciarão o nosso ensaio, que terá como exemplo de caso o programa "Gaúcha Hoje", da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre. Disponibilizaremos, para tanto, a Semiologia, de Roland Barthes.

Palavras-chave: Discurso. Semiologia. Neutralidade.

Abstract: The radio discourse seems not to have lost its interpellant enchantment. Sometimes, however, it disenchant. It is suffocated by the appearance of a neutral behavior, that can sterilize the human feeling. It has the vocation to a divine profile, with the right to the monopoly of absolute truth. These questions will lead our essay, that will have the program "Gaúcha Hoje", of Rádio Gaúcha, from Porto Alegre, as a case example. The study will be based on Roland Barthes' Semiotics.

Key-words: Discourse. Semiotics. Neutrality.

* Doutor em Educação, professor da Famescos-PUCRS, Graduação e Pós-Graduação. Obras publicadas: Futebol: Ideologia do Poder, Grã-finos na Globo, Manipulação e Controle da Opinião Pública, A Máquina Capitalista, Mídia, Textos e Contextos (org) e A Ideologia da Escolinha do Professor Raimundo.

1 INTRODUÇÃO

Alguns radialistas, no Brasil, parecem falar apenas porque têm boca. Falam quantitativamente, porém, muitas vezes, com qualidade zero no dizer, como atributo biológico, disponibilizado com um tom de obsessividade quantitativa.

Neste ensaio, refletiremos sobre a Discursividade midiática, sobretudo a radiofônica e a sua interpelação de Neutralidade, por meio da produção de sentido do programa “Gaúcha Hoje”, da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre. Teremos sustentação teórica e metodológica na Semiologia, de Roland Barthes.

2 O NEUTRO

A Semiologia barthesiana cultiva uma particularidade. Não se vocaciona, para decifrar o sentido absoluto dos signos. Transita na contramão disso. Procura compreendê-los em suas relativizações, como produções sociais e históricas.

O semiólogo (Barthes, 1987, p. 12) possui uma resposta quase pronta, para a interrogação: o que é a Semiologia? "É uma aventura, quer dizer, aquilo que me acontece (o que me vem do Significante)". Ele a divide, na sua história pessoal, em três momentos:

1. O primeiro momento foi de admiração. A linguagem, ou para ser mais preciso, o discurso, foi o objeto constante do meu trabalho desde o meu primeiro livro, Q G r a u Z e r o d a E s c r i t a [...] 2. O segundo momento foi o da Ciência, ou, pelo menos, da cientificidade. [...] Para mim, o que domina este período é menos o projeto de fundar a Semiologia, como Ciência, que o prazer de exercer uma sistemática [...] 3. O terceiro momento é, com efeito, o do Texto. Teciam-se discursos à minha volta, que deslocavam preconceitos, inquietavam evidências, propunham novos conceitos [...] (Barthes, 1987, p. 12).

Os traços da Semiologia barthesiana delineiam-se, com clareza, em “AAula”. Ele lança duas teses: Semiologia Negativa e Semiologia Ativa. Delas extrai como síntese a sua categorização de Semiologia. Na Semiologia Negativa, ele (Barthes, 1996) anota o seu caráter apofático. Nega os caracteres positivos, fixos, a-históricos do signo. Desfaz a Semiologia como metalinguagem, qualificando a sua relação ancilar com outras disciplinas.

Na Semiologia, sustenta que ela não é semiofísis, nem semioclastia. Ela é semiotropia, porquanto trata e imita o signo, buscando compreendê-lo. O seu objeto são os textos do Imaginário, em suas plurais manifestações, que circulam pela rotina. Diante disso, Barthes (1987, p. 41) propõe a sua concepção de Semiologia, contemplando aspectos lingüísticos e translingüísticos. Ela é o curso de operações ao longo do qual é possível - quiçá almejado - usar o signo, como um véu pintado, ou, ainda, uma ficção.

Barthes trabalha a tríade da Dialética - tese, antítese e síntese. Fixa o movimento de negações e afirmações, que desaguam em uma dedução sobre a historicidade do signo, que impõe a tarefa de compreensão à Semiologia. As negações simbolizam a ruptura com o Estruturalismo funcionalista, de Saussure. As afirmações contextualizam nova abordagem da Semiologia: relativizadora, com os pés na realidade histórico-social. Sintonizam com os princípios da DHE.

Barthes (1994) categoriza o Discurso, com a reivindicação do resgate etimológico. Ele anota, com zelo e especificidade, que "dis-cursus é, originalmente, a ação de correr para todo o lado, são idas e vindas, 'démarches', intrigas". A anotação contempla o movimento em sua peregrinação histórica, por meio da combinação dos signos. É a relação da imutabilidade do Código com as mutações da Fala, tecida, ludicamente, tal qual o jogo de dominó.

O semiólogo (2003a, p. 279) ainda observa o Discurso em um sentido moderno, como uma "divagação, uma excursão". Resgata o sentido de Mallarmé, enfatizando que toda divagação possui dois sentidos: revela e encobre. A categorização barthesiana carrega duas articulações. Estabelece o sentido lingüístico da discursividade na concretude dos signos, mas vai além. Abraça o translingüístico em sua dimensão sociohistórica. O Discurso é um jogo dialético dos signos.

Barthes (1990) salienta que o Discurso, por intermédio da palavra, possui uma função. É a de ancorar, ou seja estabelecer o processo de produção de sentido. Tal prática ocorre nas Mídias impressa e eletrônica, nesta, sobretudo, na Televisão e no Rádio, pela importância dos Âncoras.

A Discursividade está conectada com o Poder. Barthes (Ibidem., 1996a, p. 10-12) caracteriza-o como "a Libido 'dominandi'". Ele está relacionado com a história inteira do homem, e não somente com a história política. É um 'parasita do organismo transsocial', que se pronuncia na expressão obrigatória da Linguagem: "A Língua".

O semiólogo propõe um elo interdisciplinar com a Psicanálise, criada por Freud em 1895. Sintoniza o Poder com a categoria Libido, em seu desenho biológico, em suas diferentes fases, constituintes do Inconsciente. A Libido tem recebido plurais interpretações. Alguns a simplificam, tornando-a um mero e reducionista sinônimo de prazer sexual. Outros conseguem descortiná-la, com mais horizonte, como energia prazerosa em suas multifacetadas versões.

O Poder, como Libido dominante, é a energia prazerosa, própria do princípio de Eros, que concede sentido ao viver humano. Possui várias manifestações, uma das quais é a sexualidade. O seu perfil biológico, de face inata, fixa toda a sua condição de atemporalidade.

Ainda que invariante, a Libido particulariza-se em diversas fases. Passa pela oral, anal e fálica, especificadas, etariamente, na primeira infância, tal qual ocorre em seu sincretismo com o Poder, que é imutável no curso histórico, porém se singulariza em cada conjuntura histórica.

Barthes recicla a noção weberiana de Poder, como dominação. O Homem é indissociável da energia prazerosa, que lhe impõe, dialeticamente, a simbiose liberdade/

submissão. Eis a concepção althusseriana de sujeito, presente no intertexto. Além de sua realização biológica, o Poder é, também, uma realidade cultural. Está instalado na Linguagem, nos escaninhos da Língua, como instituição social, que se reproduz, transsocialmente, na visibilidade e na obscuridade da rotina.

Nesse sentido, o semiólogo (Barthes, 2003b, p. 178-179) refere: "toda a Ideologia, para mim, só é linguagem: é um discurso, um tipo de discurso". Ele nomeia-a, como Ideosfera, identificando-a como um "sistema dicursivo forte, que um grande número de homens pode imitar, falar, sem saber".

A Ideosfera, na concepção barthesiana (Ibidem.), apresenta quatro subcategorias básicas. São a Doxosfera - a esfera da Doxa, como o senso comum -, a Piteosfera - a esfera da fé -, o Socioleto - o grau zero da escrita, o apego à Neutralidade -; e a Logosfera - a linguagem naturalizada, como evento inato, de extração biológica".

3 "GAÚCHA HOJE"

O programa, "Gaúcha Hoje", da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, é apresentado de segunda-feira aos sábados, das 6h às 8h. Possui, dois âncoras: Antônio Carlos Macedo¹ e Osíris Marins. Dedicar-se à informação, em sua diversidade. É um Talk Show, de acordo com Scott (1996b). Agência o Radiojornalismo, a partir de uma matéria-prima básica: a Notícia, como fato atual, de interesse geral, em sua variedade.

A Rádio Gaúcha pertence a um dos principais grupos de Comunicação do Brasil. É a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), da família Sirotsky, com atuação nas Mídias impressa e eletrônica no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Biz e Guareschi (2005) observam que o grupo, no segmento Rádio, comercial, detém 36% das concessões públicas em Porto Alegre, sinalizando uma das marcas da concentração midiática no país. O que os autores conceituam como "Coronelismo eletrônico" (Scott, 1996b, p. 48).

Iremos deter-nos no "Gaúcha Hoje", ancorado por Macedo. Contemplaremos a produção de sentido, em nível verbal. Priorizaremos as questões relativas à decisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, de 2005, marcado e demarcado por conflitos e polêmicas.

O escândalo da arbitragem parece ter encenado a conflituosidade da competição. O árbitro Edilson Pereira de Carvalho confessou ter vendido resultados. Isso levou o STJD - Superior Tribunal de Justiça Desportiva, por meio através do seu presidente, Luiz Sweiter, a anular 11 jogos arbitrados por Carvalho.

As partidas anuladas foram realizadas outra vez. O Corinthians tirou partido disso. Havia perdido para São Paulo e Santos, e, na reedição, empatou com o primeiro e derrotou o segundo. Recuperou, com isso, quatro pontos. Conseguiu algum distanciamento em relação aos seus concorrentes.

¹ Programa Gaúcha Hoje, Rádio Gaúcha AM, Porto Alegre, 07 de dezembro de 2005, 7h10min.

Ao longo da competição, mesmo com a liderança do Corinthians, que chegou a ter vantagem de 11 pontos, o quadro de Esportes, do Chamada Geral Primeira Edição, teve invarância. Foi a procissão de fé do âncora, Macedo, de que o Internacional tinha chances de ser campeão. É claro, tudo em nome dos interesses do futebol gaúcho.

Na rodada final, de 4 de dezembro, o Corinthians perdeu para o Goiás, por 3 a 2, e o Internacional foi derrotado pelo rebaixado Coritiba, por 1 a 0. Assim, o clube paulista ficou com 81 pontos, e o gaúcho, com 78. Estava ou parecia estar tudo decidido dentro do campo.

A Mídia gaúcha, a maior explosão demográfica de colorado por milímetro quadrado do cosmos, com pose de neutros, deu a sua maior "barriga" de sua história. Engravidou uma comemoração, pelo título, no domingo, e a abortou no dia seguinte, quando o Corinthians recebeu a taça da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no Rio de Janeiro.

Na edição do Gaúcha Hoje, de 07 de dezembro, no quadro de Esportes, Macedo parecia resignado com o mico vermelho. Calara a sua euforia e o seu otimismo, fardados de um sentido infante-juvenil. Assumiu a posição de uma nova versão do Conselheiro Acácio, agora com halo radiofônico.

Não tinha mais jeito. Não adiantava mais nada. O Corinthians era o campeão. Estava mancheteado e consagrado pelos rumores de sentido da Mídia nacional. Cabia ao Internacional um passo atrás. Precisava desistir das medidas judiciais, para não perder a vaga na Taça Libertadores da América, reservada ao vice-campeão, advertia, serenamente, o âncora.

Macedo aparentava ter engolido a sua frustração colorada. Empreendeu uma digressão. Lembrou, com teor racional, que o Internacional, em 2004, fora beneficiado por decisões do STJD. Ganhara pontos no tapetão. Continha-se em uma postura neutra.

A frustração lúdica, reprimida, não tardou. Voltou à cena, encenando o seu sentido. O âncora indignou-se com a Assembléia Legislativa, que homenageou o Grêmio, campeão brasileiro da série B. Criticou, por demagogia, o deputado estadual Marco Peixoto, do PP. Tentou desmerecer o título gremista. A ação se automeceu como inveja. Aliás, Freud (1997) explica ao observar que o Desejo é o que nos falta.

Barthes (2003b), como vimos, sustenta que a cor do Neutro é o furta-cor. No entanto, no caso do âncora, assume uma outra tonalidade. É vermelho, mesmo, e, por uma mera e incrível coincidência, no idêntico tom do fardamento do Internacional.

Cada um escolhe a sua alteridade clubística. Mais do que isso, é necessário assumi-la, sem subterfúgios de obscuridade. Macedo transitou, simbolicamente, pelo crachá de torcedor, e o de Assessor de Imprensa. Não conseguiu ser autêntico em nenhum dos papéis, graças à inautenticidade da Neutralidade.

A Discursividade vermelha do âncora foi disfarçada. Apresentou uma máscara. Foi a necessidade de se vender, com uma imagem de Neutro. É o que Barthes (2003b) caracteriza como o grau zero, ou seja, o desejo de desembarcar da relatividade histórica.

O território da obsessão neutral talvez seja o muro, como um ecossistema preferido. Não existe a necessidade de escolher um lado. Evita a distinção. Ser indistinto parece ser o seu desejo contínuo de se vocacionar acima e além dos embates históricos.

O Neutro é o paradoxo da transparência. Pode, porém, não deve ser o que é. Necessita reprimir o seu universo de emoções e o lugar, do qual flui a sua enunciação discursiva. Nas ondas hertzianas do Rádio, ele abriga-se na penumbra de uma invisibilidade não-comprometedora.

O recurso da Denegação - não querer ver o que não lhe interessa, conforme Freud (1997) - é o argumento, agenciado, quando vem à tona a sua contradição. Sou acusado de Colorado pelos gremistas, e vice-versa. Tal saída apenas revela o cacoete inautêntico de sua soberba prática neutral. Confunde-se, narcisicamente, com tudo e com o todo, para tornar-se, redundantemente, indistinto, tal qual o faz o recém-nascido, quando não tem a medida dos limites do seu corpo no espaço.

Toda a ação humana pauta-se por uma característica peculiar. É o avesso a uma prática neutral. Se sou favorável a algo, não sou neutro, se sou contrário, também não. Se busco o abrigo do muro, estou igualmente agindo sem Neutralidade, que, na realidade, é veraz apenas como um estelionato simbólico.

Como categoria, a Neutralidade não está solta no mundo. Possui uma filiação epistemológica. É o Positivismo, que propõe o conhecimento como uma apropriação matemática que precisa assassinar o sujeito para eternizar o objeto. Torna-o um Imaginário - uma ilusão, como refere Barthes (1988) -, vendido, como se fosse uma verdade absoluta, uma produção divina.

No espaço do Rádio, como concessão pública, tentar vender-se como Neutro parece e se parece com um estelionato simbólico. Talvez seja uma atitude de superdimensionar a enunciação discursiva, em seu carácter massivo, entendendo que basta falar, e pronto, como se o sentido fosse um papel qualquer, que pudesse ser jogado, a torto e a direito, na lixeira dos ouvidos dos receptores. É a expressão de uma transgressão ética, reiterada cotidianamente.

Observamos que a Ideosfera do âncora, do Gaúcha Hoje, pautou-se pelo apego à Neutralidade, como ritual de sentido. Pronunciou a Doxosfera pela interpelação futebolística, a Piteosfera, por meio da epistemologia positivista, o Socioleto, pela postura, imaginariamente, neutral, e a Logosfera, via um discurso, naturalizado pelo apelo da indistinção.

Assim, portanto, falou a Neutralidade discursiva de um âncora vermelho. Protagonizou o sentido, nos moldes e práticas de alguns radialistas, que parecem falar muito sem quase nada dizer de aproveitável. Talvez, façam-no, por uma singela e solene razão biológica. Falam porque têm boca, uma boca por vezes dissimulada pela artificialidade da pronúncia neutral.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Aula**. 7.a ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 13. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

_____. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **O neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BIZ, Osvaldo; GUARESCHI, Pedrinho. **Mídia e democracia**. 2. ed. Porto Alegre: Evandgraf, 2005.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos: obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SCOTT, Ginni Graham. **Can we talk? The power and influence of talk shows**. New York: Insight Books, 1996b.

